

MOISÉS ISRAEL E RAINHA HÉCUBA: QUEM SÃO ELES?

Isabel Cristina Farias de Lima - UFRGS

Tornar-se um geneticista nos dias atuais é abrir caminhos no universo acadêmico, ou seja, é poder apreciar, duplamente, os escritos de um autor, pois temos o prazer de entrar em contato tanto com a obra publicada quanto com os manuscritos da mesma, o que nos proporciona um maior conhecimento do trabalho do escritor.

Vivenciamos um mundo de idéias e possibilidades que um escritor nos oferece a cada texto através de seus manuscritos; por isso, abranger este estudo é poder também transitar nos marcos deixados pelo escritor durante o processo de criação. É poder contribuir para avanços de novos caminhos de interpretações literárias no universo acadêmico.

Luiz Antonio de Assis Brasil, escritor contemporâneo que várias vezes nos homenageou com obras de cunho nacional, nos proporciona com **Breviário das Terras do Brasil**: uma aventura nos tempos da Inquisição uma outra oportunidade: a de ingressarmos e investigarmos o processo de criação da mesma.

Gostaríamos de ressaltar que esta é a primeira obra do autor a passar por um processo de investigação de Crítica Genética. Nossa pesquisa está centrada no dossiê referente à obra do autor e estabelecemos como prototexto o próprio dossiê entregue pelo autor, que vem a ser o caderno de anotações, os originais datilografados e o folhetim publicado no Diário do Sul em meados de 1988, último objeto antes da publicação final em livro.

A narrativa traz uma história sobre a Inquisição portuguesa em terras brasileiras. É a história de um índio guarani, vítima da Inquisição, mostrando uma grande alegoria sobre a formação de um País que bravamente mantém-se vivo.

Para tanto, o autor constrói personagens típicas para discutir nossas raízes nacionais e também a colonização portuguesa no Brasil: o Brasil que tanto nos comove e assusta ao mesmo tempo, pois, como ele mesmo afirma:

"O que pretendo não é mostrar a outra face da Inquisição, mas trazer alguma luz em relação a esse assunto. Na verdade, ela foi um instrumento de dominação política antes de mais nada. No período absolutista, ela estava ao (sic) serviço do poder civil, do poder real. Mecanismo que reforçou-se com a descoberta do ouro.

O texto apresenta também várias personagens para referendar o universo diegético da obra: Francisco Abiaru, Rainha Hécuba, Moisés Israel ou Vasco Antônio, Mariana Gabriela, Mestre Domingos, O Visitador e o Holandês Voador ou Petrus Carnelius.

Entretanto, para ilustrar nosso trabalho, trazemos aqui apenas duas personagens: Rainha Hécuba e Moisés Israel ou Vasco Antônio, personagens prisioneiros, juntamente com Francisco Abiaru. Periféricas se formos analisá-las num todo dentro do campo diegético, mas pontuais no que se refere a construção da narrativa para mostrar a construção da nossa Nação.

Percorrendo o material de pesquisa, verificamos que Rainha Hécuba, personagem misteriosa, que aparece no silêncio da noite para alertar o aborígine Abiaru das mazelas que estão por vir e de como o Brasil está se estruturando, é uma alegoria do processo místico que abarcou o nosso povo e, de certa forma, ela representa o próprio Brasil. O país, tendo sua base étnica formada pelos índios, portugueses e negros, adotou, principalmente deste último, a pré-disposição para as crenças e adivinhações.

O processo alegórico, segundo Walter Benjamin, mostra ao observador a outra face da história: a face hipócrita. A alegoria pode ser a busca do outro lado da realidade ou uma maneira de ver a realidade por antecipação. É isso que vemos nas anotações do autor: o cuidado em criar uma personagem

que percebesse os fatos sem estar baseado em dados científicos. Pois como ele mesmo diz:

- Fazer com que cada prisioneiro da Inquisição represente um tipo, todos rebeldes: a) o lusitano xenófobo, que odeia tudo quanto é espanhol e pega uma cruzada contra a espanidade; b) aquele que é totalmente descrente da lusitanidade, e augura um péssimo futuro ao Brasil.

Rainha Hécuba aparece acompanhada de uma garrafa, na qual todos respeitam por saber que é ali que fica guardado Alimã, seu enviado do Demônio que prediz o futuro das terras brasileiras.

Ao construir uma personagem voltada para adivinhações e crenças, o escritor quis "personificar" a terra: Brasil, pois quando ela perde sua garrafa fica sem rumo:

(...)"- Não sou mais Rainha" - ela diz, os olhos cravados nele - perdi meu consolador e o meu guia. (...) "esse infeliz pensa que posso ser ainda mãe. Meu leite secou. Me tiraram todo e nada mais me resta. De agora em diante pode me chamar de Brasil".

É curioso a investigação desta personagem, por que Assis Brasil parece ter muito bem definida a construção desta metáfora, pois no caderno de anotações ela é apenas pontuada, assinalada, ao passo que no caderno datilografado ela é desenvolvida de forma bem definida, sem receios da parte do escritor, ou seja, ele gasta algumas laudas para expor o pensamento de Rainha Hécuba e se Alimã.

O autor, para melhor evidenciar esta alegoria/personagem muda alguns parágrafos de lugar e substitui, muitas vezes, frases inteiras. As

mudanças de verbo parece ser uma constante no processo de criação do escritor; o que dá para nós uma maior clareza da construção deste actante, pois no diálogo do Visitador com o Filipe mostra bem a preocupação de todos quanto ao conteúdo da garrafa e o que ela e o seu possuidor representam naquele momento. Em outros momentos o autor deixa apenas como idéia, sem necessariamente desenvolver posteriormente.

Moisés Israel (Vasco Antônio), personagem religiosa, já tem outra função dentro da narrativa. O escritor cria esta personagem para exercer a função de um organizador dos fatos e sintetizador da tensão crescente que apresenta os escritos, uma vez que relata ao índio seu destino (e dele mesmo, Vasco Antônio) que em nada difere do que a Rainha Hécuba havia "adivinhado".

Moisés Israel traz dentro de si uma imensa melancolia, evidenciada cada vez mais por sua lucidez diante dos fatos e por suas longas introspecções, prevendo os destinos catastróficos de cada prisioneiro, pois nada mais havia para fazer do que esperar e pensar até que tudo chegasse a um fim. Tal como Rainha Hécuba, Moisés Israel também, em alguns momentos, é apenas pontuado no caderno de anotações para no caderno datilografado ser desenvolvido e "caracterizado" em suas mazelas e preocupações infinitas diante da nova terra.

Primeiramente o autor pensa em criar uma personagem forte, decidida e ciente de seu lugar na sociedade. Para isso no caderno de anotações ele "rascunha" um padre de fala alta e grossa, sem temer qualquer autoridade. Porém, mais adiante ele muda essa característica, pois resolve dar outro rumo ao personagem. De um actante resoluto, decidido e, muitas vezes, tendo uma atitude debochada em relação ao Santo Ofício, surge um padre assustado, com todos os medos que um ser humano pode ter, sem forças e clareza para esperar o julgamento. Tornou-se tão pesada esta situação que para ele foi como se estivesse indo para o julgamento do Juízo Final, pois não agüentou tamanha pressão e se suicidou enforcando-se dentro de sua cela na prisão.

Quem são eles na verdade? Por que o escritor os pontuou em anotações enxutas para mais adiante serem desenvolvidos com toda a força?

Resenha crítica de Isabel Cristina Farias de Lima sobre “Breviário das Terras do Brasil”

Eles são personagens que ajudam a elucidar a formação da Nação que o escritor queria evidenciar. Essa Nação que foi criada com interesses, com o velho "jeitinho" brasileiro para resolver problemas de interesse próprio. A partir daí, ele pede licença para o leitor reconstruir a história de forma mais comprometida, refletindo, via literatura, sobre os erros do passado, e a ver em que medida eles permanecem presentes entre nós, com que razões, por que motivos.

Comunicação foi apresentada na Xª Semana de Letras da UFRGS, nos dias 02 - 05 de dezembro de 2003, no Campus do Vale - Instituto de Letras da UFRGS.